



AFLUENTE: REVISTA DE  
LETRAS E LINGUÍSTICA  
ISSN 2525-3441

## DO DEBATE AO ARTIGO DE OPINIÃO: ARGUMENTAÇÃO, INTERTEXTUALIDADE E ENSINO

*FROM DEBATE TO OPINION ARTICLE:  
ARGUMENTATION, INTERTEXTUALITY, AND TEACHING*

Fabiana Costa de Sousa

<https://orcid.org/0000-0002-9079-8081>

Márcia Suany Dias Cavalcante

<https://orcid.org/0000-0002-6316-0752>

**Resumo:** Este artigo se propõe apresentar uma proposta de sequência didática, na qual a prática docente possa conduzir o ensino das propriedades textuais, articulando os gêneros orais e escritos, especificamente, partido do gênero Debate até à produção escrita do Artigo de opinião. Fez-se uma pesquisa de natureza bibliográfica, cujas fontes principais foram Bakhtin (2000); Marcuschi (2008); Koch (2017) e Antunes (2003). Apresentou-se uma sequência didática por meio dos gêneros textuais Debate e Artigo de Opinião, cujo modelo de inspiração metodológica foi o dos pesquisadores de Genebra Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). O ensino do texto em sala de aula é fundamental para que o aluno possa construir seus argumentos e estar consciente de que os gêneros textuais estudados na escola não são diferentes do que são vivenciados fora dela e que o professor tem essa função de ensinar a língua, conforme a concepção sociointeracionista cognitiva do texto.

**Palavras-chave:** gêneros textuais; sequência didática; argumentação; intertextualidade

**Abstract:** This article aims to present a proposal for a didactic sequence, in which teaching practice can lead to the teaching of textual properties, articulating oral and written genres, specifically, from the Debate genre to the written production of the Opinion Article. This was a bibliographical study; whose main sources were Bakhtin (2000); Marcuschi (2008); Koch (2017) and Antunes (2003). A didactic sequence was presented using the textual genres Debate and Opinion Article, whose model of methodological inspiration was that of the Geneva researchers Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004). Teaching the text in the classroom is fundamental so that students can construct their arguments and be aware that the textual genres studied in school are no different to those they experience outside of school and that the teacher has the role of teaching the language, according to the cognitive socio-interactionist conception of the text.

**Keywords:** textual genres; didactic sequence; argumentation; intertextuality

## INTRODUÇÃO



O estudo do texto e com o texto dentro da sala de aula é desafiador, pois envolve a formação do professor e suas concepções de linguagem, bem como a compreensão do docente e de alunos de que todo esforço de comunicação tem por consequência produções textuais, sejam elas orais, escritas ou híbridas.

Ao que se chama de texto, tem-se a definição de Marcuschi (2008, p. 72) na qual “O texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas”. Dessa forma, o autor exemplifica em palavras que o ato de comunicar é sociointeracional e resulta em texto.

Logicamente, é necessário compreender que essa definição é muito ampla, porém já é um começo para entender que um texto é bem mais que um conjunto de palavras ou frases. É preciso que haja uma intenção do enunciador; uma aceitabilidade com informações prévias do receptor/leitor; uma harmonia da mensagem enunciada do início ao fim, conseqüentemente, cada construção de enunciado necessita de elos linguísticos que possam ligar cada frase e, assim, mantenham-se coerentes e coesas; além disso, cada informação de um enunciado pode dialogar com outros enunciados, em uma situação comunicativa para fins argumentativos (KOCH, 2008)

Um texto, seja ele oral ou escrito, não é apenas um agrupamento de palavras aleatórias. Levar esta ideologia para as aulas de língua materna é função do docente. Essa mudança de postura no ensino – em relação aos gêneros textuais – (por parte do professor) e de reconhecimento dos estudantes de que todo ato de comunicação resulta em texto, desde uma mensagem em áudio de *WhatsApp* até uma produção de redação do ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio), tornou-se um dos grandes desafios da educação na disciplina de Língua Portuguesa.

No ambiente escolar, nota-se um valor maior aos textos de natureza escrita. Muitas vezes, privilegiam-se apenas manifestações textuais redigidas e, portanto, gêneros textuais formais e acadêmicos. Com isso, perdem-se oportunidades de fazer com que o aluno reconheça outros gêneros ou outras modalidades que também fazem parte do



seu dia a dia. Na verdade, existe também uma depreciação dos gêneros orais resultante de uma comparação às normas gramaticais.

Dolz; Schneuwly e Haller (2011, p. 114) enfatizam que “não existe uma essência mítica do oral que permitiria fundar sua didática, mas práticas de linguagem muito diferenciadas, que se dão, prioritariamente, pelo uso da palavra (falada), mas também por meio da escrita, e são essas práticas que podem se tornar objetos de um trabalho escolar”.

Isso não quer dizer que a modalidade escrita não seja importante, de fato, ela é fundamental para a aprendizagem, para a comunicação e para a inserção à sociedade de qualquer indivíduo. No entanto, é preciso que cada sujeito se reconheça no que é estudado em sala de aula e é possível fazer esse reconhecimento, com os próprios gêneros textuais acadêmicos, explorando a oralidade e a escrita.

A partir desse estudo do texto e com o texto, outros aspectos da língua podem e devem ser analisados, isso quer dizer que as características linguísticas (gramaticais, semânticas e pragmáticas) serão expostas em um conjunto de conhecimentos, nos quais cada um dos envolvidos nas aulas de língua materna poderão reconhecer que tudo é texto, doravante do “bom dia”, ao cumprimentar um conhecido, até à construção de uma notícia ou de um cartaz publicitário.

Refletindo sobre essas questões, levantou-se o seguinte problema: Como o ensino de Língua Portuguesa pode abordar as propriedades textuais em gêneros orais e escritos, especificamente, partindo do gênero *Debate* até à produção escrita do *Artigo de Opinião*?

Por conseguinte, definiu-se como objetivo geral deste escopo científico apresentar uma proposta de sequência didática, na qual o ensino de Língua Portuguesa aborde as propriedades textuais, articulando os gêneros orais e escritos, especificamente, partido do gênero *Debate* até à produção escrita do *Artigo de opinião*.

A partir desse objetivo geral, determinaram-se alguns objetivos específicos: entender os conceitos de texto, tipos e gêneros textuais, bem como, os gêneros *Debate* e *Artigo de Opinião* em seus conceitos, estruturas, linguagens e características e conhecer as atribuições dos gêneros textuais *Debate* e

*Artigo de Opinião* como estratégias de argumentação e intertextualidade no ensino do texto por meio de uma sequência didática.



Esta investigação contribuirá com o ensino do Português brasileiro por meio de definições e exemplos situacionais que podem ser desenvolvidos na sala de aula com o uso dos diversos gêneros textuais, de tal forma, que tanto os professores como alunos podem ler e aprofundar esta proposta científica. Estas orientações podem se assemelhar a um projeto de intervenção, porém o que se sugere aqui é uma prática constante em sala de aula por meio de uma sequência didática simples que envolve os gêneros *Debate* e *Artigo de Opinião*, na qual pode ser desenvolvida e realizada no Ensino Fundamental e Médio.

Epistemologicamente, este artigo é uma pesquisa de natureza bibliográfica, cujas fontes, de acordo com Santos (1999) e Gil (2002) são livros e artigos de periódicos científicos com abordagem qualitativa, em que foram mobilizados teóricos fundamentais para o estudo do texto como Bakhtin (2000), Marcuschi (2008), Koch (2017), entre outros. Além de trazer autores que tratam da formação do professor, especificamente, do docente de Língua Portuguesa, tais como: Antunes (2003), Soares (2002) e Geraldi (1984). E, finalmente, apresentar uma sequência didática que envolve o ensino dos gêneros *Debate* e *Artigo de Opinião*, conforme o modelo de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

204

Adotar-se-á a perspectiva sociocognitiva interacional da Linguística Textual (LT), pois essa abordagem percebe que o texto não é apenas um conjunto de frases ou palavras, mas um complexo padrão mental, cujas referências estão na própria língua e suas manifestações estão na interação social de indivíduos (KOCH, 2017).

Este artigo científico está organizado em seções, cujas designações titulares e a condensação de seus respectivos conteúdos são: *Introdução*, na qual a construção tem por finalidade apresentar a contextualização do tema, problema, objetivos, justificativa, metodologia e um resumo das seções deste estudo.

A segunda seção tem por título *Do texto ao gênero oral e escrito: Debate e Artigo de Opinião*, que traz um apanhado conceitual sobre texto, tipologia e gêneros textuais, além de trazer



características de um texto oral e de um texto escrito, na perspectiva sociointeracionista cognitiva.

A terceira seção, *Debate e Artigo de Opinião: práticas de argumentação e intertextualidade na escola*, tem a intenção de vislumbrar possibilidades reais de atividades exitosas no ensino de Língua Portuguesa em que o discente possa reconhecer elementos linguísticos, semânticos e pragmáticos a partir do estudo de gêneros textuais argumentativos orais e escritos.

Por fim, as *Considerações Finais*, última seção deste artigo que faz retomada de toda a discussão teórica acerca do estudo do texto em sala de aula conduzido pelo professor por meio da perspectiva sociointeracionista. Ademais, reforça a proposta de sequência didática, fazendo uso dos gêneros orais e escritos.

## **DO TEXTO AO GÊNERO ORAL E ESCRITO: DEBATE E ARTIGO DE OPINIÃO**

205

Desde o surgimento da Linguística Textual na década de 60 até os dias atuais, alguns aspectos em relação ao estudo do texto têm se modificado, a começar pela definição do que é texto, pois conforme as diferentes concepções e pontos de vistas do objeto a ser analisado, o próprio texto, algumas análises mudam.

A concepção de texto depende da diversidade de estudos da Linguística Textual, por exemplo, texto como frase ou signo linguístico, tem-se a concepção gramatical; texto como signo complexo, concepção da semiótica; texto como ato de fala, concepção da pragmática; texto como discurso, concepção da Análise do Discurso; texto como enunciado interativo entre sujeitos sociais, concepção enunciativa; texto como processo cognitivo, concepção de base cognitivista (KOCH, 2017).

Neste artigo, adotar-se-á a concepção sociocognitiva e interacional do texto, pois essa abordagem também observa a modalidade oral da língua, bem como a relação interacional dos sujeitos na comunicação. Com isso, “as atividades cognitivas não estão separadas das interações com o meio, nem, obviamente, da vida social” (KOCH; CUNHA-LIMA, 2004).



Essa perspectiva de interação sociocognitiva é uma forma de observar como qualquer conhecimento cognitivo está relacionado a acontecimentos sociais e mentais. Koch (2017), em seu livro *Introdução à Linguística Textual – trajetória e grandes temas*, faz um passeio pela origem da ciência textual até os dias de hoje e relata que em meados da década de 80 surgiu a abordagem de análise do texto sociocognitiva. A autora, então, aponta que cada sujeito tem padrões mentais de funcionamento de sua língua, portanto - em interação - este sujeito produz uma linguagem, conforme referências cognitivas aprendidas.

Para entender melhor esta abordagem da língua como texto oral e escrito, antes é necessária a compreensão de alguns questionamentos importantes: *O que é texto? O que é tipologia textual? O que é gênero textual?* Somente, após esses conceitos esclarecidos, os gêneros *Debate* e *Artigo de Opinião* serão abordados em suas características e estruturas.

Na perspectiva sociointeracionista cognitiva, o texto é uma linguagem em funcionamento e contextualizada em todos os aspectos sociais e cognitivos. Isso quer dizer que o texto não diferencia fala e escrita, pois são modalidades que se complementam para a produção linguística (MARCUSCHI, 2008). Em um texto, não é pronunciado fonema por fonema ou morfema por morfema, frase por frase ou até palavras aleatórias; em um texto, considera-se a própria produção textual no ato da fala ou da escrita como operações linguísticas definidas pela cognição em interação com outros indivíduos.

A oralidade - como texto - é incentivada como prática de letramento que consiste em “Uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora que vai desde uma realização mais informal a mais formal nos mais variados contextos de uso” (MARCUSCHI, 2004, p. 25).

O estudo da descrição da fala e da escrita como texto é o objeto investigativo da Linguística Textual “por serem os textos a forma específica de manifestação da linguagem” (FÁVERO, KOCH, 1983, p. 11). Koch, ainda, afirma que é o papel da LT:





Desenvolver modelos procedurais de descrição textual capazes de dar conta dos processos cognitivos que permitem a integração dos diversos sistemas de conhecimento dos parceiros da comunicação, na descrição e na descoberta de procedimentos para sua atualização e tratamento no quadro das motivações e estratégias da produção e compreensão de textos (KOCH, 2017, p. 34).

São esses parâmetros vividos em situações do cotidiano (procedurais), na qual a LT busca reconhecer e descrever, e (são a partir deles) que cada sujeito produz ações verbais que, na verdade, são determinadas como um conjunto de ações que se desenvolvem em um contexto social. Por isso, cada texto tem uma função social determinada pela relação interacional entre sujeitos com intenção comunicativa, porém, em um agrupamento de características que se tornam “um sistema de conexões entre vários elementos, tais como: sons, palavras, enunciados, significações, participantes, contextos, ações, etc (MARCUSCHI, 2008, p. 80).

Em sentido mais amplo, cada texto pertence a um tipo textual e este tem por finalidade conceituar características maiores, cuja procedência é linguística. Essas características são limitadas e concretas, como: aspectos morfológicos, sintáticos, lexicais, estilo, sequências retóricas, etc. O gênero textual pode ser classificado em mais de um tipo de texto, porém, denomina-se o que está em predominância em um determinado gênero textual (narrativo, argumentativo, dissertativo, injuntivo, descritivo, entre outros, no entanto, os principais e mais estudados são estes).

Travaglia é um dos grandes estudiosos sobre a categorização de textos no Brasil. Sobre os Tipos Textuais, ele afirma:

Diversas categorias de texto podem ter características comuns. Este é o caso, por exemplo, de todas as categorias de texto que têm o tipo narrativo como necessariamente presente em sua composição e como dominante e entre as quais podemos citar: romance, conto, novela, fábula, parábola, apólogo, mito, lenda, caso, fofoca, notícia, ata, biografia, piada, conto de fadas, epopeia, etc.). Todos esses gêneros vão ter em comum características de narração, mesmo que realizadas de diferentes formas. Sempre haverá, todavia, características que permitam distingui-los entre si, diferenciando, por exemplo, um romance de um conto, uma fábula de uma parábola, e assim por diante. É o caso também das categorias de texto necessariamente e predominantemente dissertativas (por exemplo: tese, dissertação de mestrado, artigo acadêmico-científico, editorial de jornal, monografia, conferência, etc.) e assim por diante (TRAVAGLIA, 2023, p. 40-41).



Para o autor, os tipos de textos são uma forma de interação que se identifica pela forma como acontece a interlocução, geralmente, alguns textos possuem características em comuns na construção da linguagem e essa articulação em afinidade limitada e predominante é chamada de *Tipo textual*, porém cada gênero textual irá “exercer uma função sociocomunicativa específica” (TRAVAGLIA, 2023, p. 41).

Sobre o termo *Gênero textual*, Bakhtin em sua obra *Estética da criação verbal* evidencia que:

Todos os diversos campos da linguagem estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana (BAKHTIN, 2000, p. 261).

O autor e filósofo da linguagem destaca que as escolhas de uso de determinado gênero estão relacionadas às vivências sociais de cada sujeito na sociedade e que não existem padrões fixos, pois dependem da situação ou contexto de enunciado deste indivíduo que vão desde os textos mais formais aos informais ou em diversas modalidades, como orais, escritos, digitais, etc.

Infere-se, ainda, a respeito do contexto de cada enunciado, que cognitivamente cada sujeito faz uso de referências mentais assimiladas por suas interações verbais e comunicativas experimentadas em sociedade. Quanto mais se tem contato com a diversidade de gêneros textuais, maior será o repertório de textos desse sujeito (MARCUSCHI, 2008).

Por isso, os gêneros orais e escritos devem ser trabalhados em conjunto em sala de aula, especialmente, quando fazem parte da mesma tipologia textual. O que se propõe, neste artigo, é essa diversidade no ensino de Língua Portuguesa ao se trabalhar com o texto nas aulas de língua materna.

Sugerem-se os gêneros *Debate* e *Artigo de Opinião*, pertencentes ao Tipo Textual Argumentativo, tipologia determinada pela característica evidente da persuasão. Citelli (1997) fez uma observação a respeito do ato

de persuadir na linguagem:





Persuadir, antes de mais nada, é sinônimo de submeter, daí sua vertente autoritária. Quem persuade leva o outro à aceitação de uma dada ideia. É aquele irônico conselho que está embutido na própria etimologia da palavra: per + suadere = aconselhar. Essa exortação possui um conteúdo que deseja ser verdadeiro: alguém “aconselha” outra pessoa acerca da procedência daquilo que está sendo enunciado (CITELLI, 1997, p. 13).

Citelli evidenciou a etimologia e a semântica envolvidas na palavra “persuadir”, cuja característica maior se reflete em articular escolhas lexicais que afirmem a autoridade do sujeito enunciatador que busca convencer o outro sujeito comprometido com o que está sendo enunciado. Além dessas seleções de palavras, na argumentação, o convencimento se organiza por meio de uma estrutura que tem início, meio e fim, de tal forma que conectores linguísticos coesivos relacionam essas ideias com o propósito de se fazer compreendido na linha de raciocínio defendida.

Independentemente da modalidade escolhida, oral ou escrita, defender um ponto de vista deve ser uma atitude comunicativa fundamentada com argumentos válidos, além de ter uma coerência do que se diz/escreve antes ou depois de cada ideia. Koch (2008, p.17) concorda que argumentar é o “ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo”.

A argumentação estrutura-se em Introdução (apresentação do tema), Desenvolvimento (argumentos contra ou a favor do tema) e Conclusão (reforço da opinião defendida e apresentação de uma possível solução para problema ligado ao tema) (GARCIA, 2000).

O *Debate* é um gênero de modalidade oral e o *Artigo de Opinião* gênero textual escrito, porém ambos são argumentativos e são usados no cotidiano para enunciar uma visão particular sobre determinado tema, fundamentam-se em outros sujeitos que defendem uma opinião semelhante (citação), em fatos, dados, ou qualquer outra referência de autoridade no tema que defendem.

A oralidade é estimulada em sala de aula por meio do desenvolvimento do gênero *Debate*, inclusive, incentiva a tomada de decisões do aluno, capacita-o para o diálogo e para a organização de argumentos de forma oral. Dolz, Schneuwly e Haller (2011, p.214) afirmam que “uma discussão sobre uma questão controversa entre muitos participantes que exprimem suas opiniões ou atitudes, tentando

modificar a dos outros ou ajustando as suas próprias em vista de construir uma resposta comum para a questão inicial”.

É por meio dessa discussão temática que o aluno constrói argumentos e aprende a lidar com opiniões diferentes da sua. Os autores reiteram a importância de os gêneros orais serem estudados nas aulas de língua materna, afinal cada discente é um sujeito atuante na sociedade e em seu dia a dia toma decisões que, muitas vezes, são influenciadas por terceiros.

O *Artigo de Opinião*, gênero argumentativo escrito, não é necessariamente um texto que aprecia fatos sociais importantes, mas que se interessa pelo posicionamento do autor sobre determinado tema. Dessa forma, posicionar-se é fundamental na escrita desse gênero, de acordo com Rodrigues (2007).



## **DEBATE E ARTIGO DE OPINIÃO: PRÁTICAS DE INTEXTUALIDADE E ARGUMENTAÇÃO NA ESCOLA**

210

Propõe-se, neste artigo, que o docente trabalhe com a multimodalidade dos gêneros textuais, de preferência, que dê lugar à oralidade na sala de aula, como forma de demonstrar que o que se estuda na escola não está distante do que se vivencia fora da instituição, conforme evidenciam Bakhtin e Volochínov (2010).

Para isso, estabeleceu-se como proposta uma sequência didática teórica dos gêneros *Debate* e *Artigo de Opinião*. Ambos pertencentes à mesma tipologia textual: argumentação. Contudo, antes é preciso entender o que se constitui a argumentação materializada como gênero textual, o que a Linguística Textual orienta em relação ao estudo do texto oral e escrito e, em seguida, apresentar a demonstração de sequência didática que envolve os dois gêneros textuais citados.

A interação dialógica e social da língua que produz textos orais e escritos é o que faz determinar que, quando o sujeito enuncia algo, ele tem uma intenção e, por trás desta interação, está a argumentação. Koch evidencia que:



Quando interagimos através da linguagem (quando nos propomos a jogar o “jogo”), temos sempre objetivos, fins a serem atingidos; há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, isto é, pretendemos atuar sobre os outros de determinada maneira, obter deles determinadas reações (verbais ou não verbais). É por isso que se pode afirmar que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo: pretendemos orientar os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões (com exclusão de outras). Em outras palavras, procuramos dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa (KOCH, 2018, p.29).

A partir da afirmação de Koch, é possível compreender que toda prática discursiva é uma construção de um texto argumentativo, assim é comum o uso da *intertextualidade*, elemento de um texto que compõe o fator de textualidade de si próprio. O fator *intertextualidade* é utilizado para reforçar a argumentação defendida no desempenho do texto (falado ou escrito).

A *intertextualidade* é a relação entre textos enunciada em uma prática comunicativa em que “os textos se cruzam e entrecruzam em novas variedades e combinações” (KOCH; ELIAS, 2016, p.40). Pode-se acrescentar que “todos os textos comungam com outros textos” (MARCUSCHI, 2008, p. 129). Portanto, *intertextualidade* é um recurso que serve para trazer autoridade à argumentação defendida por meio de *operadores argumentativos*.

O conceito de *operadores argumentativos* vem da Semântica da Enunciação ou Semântica Argumentativa, definido por Ducrot. Estes operadores são um conjunto de enunciados que validam os argumentos por meio de uma *escala argumentativa* e de uma *classe argumentativa* (KOCH, 2018, p. 30), cujos mecanismos de argumentatividade estão na própria língua.

A LT orienta o estudo de diversos textos em sala de aula para que o aluno tenha domínio consciente desses *operadores argumentativos*, além de compreender a *intertextualidade* e a *argumentação*. A fala e a escrita são diferentes modalidades de textos, portanto, possuem características diferentes que reforçam a argumentação. Por exemplo, na fala tem-se a repetição, que pode ser considerada como marca retórica de acentuação de argumento.

Enquanto na escrita, a repetição pode ser retirada por meio de uma revisão ou organização linguística do texto,



principalmente os textos escritos formais e acadêmicos, pois em textos escritos publicitários, a repetição, geralmente, é usada como recurso estilístico ou de reforço de persuasão. Dessa forma, a escrita tem como foco a língua, sistema estruturado que se organiza, principalmente, por meio das regras gramaticais (MARCUSCHI, 2008).

Ambas são importantes para o ensino do texto na sala de aula para confirmar que a língua é um processo de interação social e acontece de forma diversificada, multimodal e pode possibilitar os multiletramentos de cada sujeito envolvido na comunicação, cuja base fundamental é a produção de gêneros textuais variados.

Com foco na *argumentação* e na *intertextualidade*, apresenta-se uma sequência didática que pode ser aplicada no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio, fazendo uso das funções sociais dos gêneros *Debate* e *Artigo de Opinião*, explorando a oralidade e a escrita no contexto escolar, levando-se em conta conhecimentos do dia a dia de cada discente.

A sequência didática adotada neste artigo é a de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), cujo modelo de estudo com os gêneros textuais é dividido em quatro etapas: Apresentação da situação (AS) – etapa de descrição com detalhes da atividade com gêneros orais ou escritos; produção inicial (PI) – elaboração da primeira atividade oral ou escrita, correspondente ao gênero estudado em sala de aula. Ainda na etapa de PI, o professor deve avaliar os conhecimentos prévios do aluno em relação ao gênero, além de diagnosticar as competências que os alunos precisam aprender ou reforçar na aprendizagem.

A terceira etapa envolve os módulos de exercícios subdivididos em: módulo 1 (M1); módulo 2 (M2); módulo 3 (M3) – na etapa dos módulos, aprofundar-se-á o gênero estudado, por meio de exercícios e práticas educativas que demonstrem os elementos de textualidade de um texto de forma dialógica e sociocognitiva interacional e, por fim, a produção final (PF) – etapa de avaliação da aprendizagem ao longo da sequência didática de estudo do gênero textual.

Abaixo, segue uma sequência didática sugerida pelas autoras desta pesquisa para o estudo dos gêneros *Debate* e *Artigo de Opinião*, conforme o modelo dos pesquisadores de Genebra:



**Quadro 1 – Sequência didática com os gêneros textuais Debate e Artigo de Opinião**

	Atividades a serem desenvolvidas	Objetivos específicos das etapas	Tempo e quantidade de oficinas 50min cada oficina
<b>AS</b>	<p>Apresentação dos gêneros <i>Debate</i> e <i>Artigo de Opinião</i> e as tipologias textuais, enfatizando a tipologia argumentativa. Nesta etapa, deve-se perguntar o que os alunos compreendem por “<i>Debate e Artigo de Opinião</i>”, bem como levar exemplos dos gêneros textuais para que os reconheçam em suas práticas enunciativas do cotidiano.</p> <p>Exemplos: Parte de um debate sobre um determinado jogo de futebol ou sobre um tema polêmico da sociedade naquele momento social. Como exemplo de <i>Artigo de Opinião</i>, pode ser abordado um texto que represente o gênero que trate de alguma temática que envolve opiniões divergentes: “O uso de celular na sala de aula”.</p> <p>Nesta etapa, apenas será feita uma introdução sobre as definições de gêneros, tipos textuais e os gêneros <i>Debate</i> e <i>Artigo de Opinião</i> – conjuntamente – com exemplos. Espera-se que os alunos observem as estruturas e características dos exemplos abordados na aula.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer o que é gênero e tipologia textual;</li> <li>• Diferenciar o gênero oral <i>Debate</i> do gênero escrito, <i>Artigo de Opinião</i>.</li> </ul>	2 oficinas
213	<p>Realização de um debate em sala de aula sobre a temática do “Uso de celular em sala de aula” – a turma seria dividida em dois grandes grupos (um grupo com argumentos a favor e o outro com argumentos contra). Previamente, o professor deverá indicar e organizar esse debate para que aconteça logo após as aulas anteriores.</p> <p>Após a realização desse debate, cada aluno deverá produzir um <i>Artigo de Opinião</i>, no qual se defenderá um dos posicionamentos que mais o convenceu a respeito do “uso de celular na sala de aula”.</p> <p>Nesta etapa, o professor vai conseguir diagnosticar o entendimento prévio de cada aluno sobre as estruturas e características dos gêneros textuais e, a partir desse diagnóstico preparar melhor os módulos com teoria e prática.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Debater sobre o tema “Uso de celular em sala de aula”;</li> <li>• Produzir um <i>Artigo de Opinião</i> sobre o tema “Uso do celular na sala de aula”.</li> </ul>	4 oficinas
<b>M1</b>	<p>Neste módulo, o professor pode trabalhar as características do gênero oral <i>Debate</i> e sua estrutura. Pode, inclusive, demonstrar com situações que aconteceram no próprio debate ensaístico. Apontar que deve ser respeitado o momento de fala do adversário, que precisa argumentar com propriedade, usando citações ou fazendo intertextualidade com outras situações.</p> <p>Além disso, o professor deve demonstrar que mesmo em uma situação oral, existe uma organização linguística de termos e conectores, bem como o léxico escolhido, que pode ajudar a reafirmar argumentos válidos para defender uma opinião.</p> <p>Cada adversário também pode preparar um roteiro de fala para não se perder nos argumentos, observar sua postura, gestos e expressões ao declarar suas opiniões, etc.</p> <p>Por último, o professor pode levar profissionais de diversas áreas para conversar com os alunos sobre o que suas respectivas ciências dizem sobre o uso do celular na sala de aula, assim, os discentes podem tirar dúvidas e formular melhor seus argumentos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entender as características dos gêneros textuais orais e escritos;</li> <li>• Compreender que a organização e o planejamento fazem parte do planejamento de produção oral e escrita dos gêneros textuais.</li> </ul>	3 oficinas





<b>M2</b>	<p>Neste módulo, o professor vai trabalhar a escrita, operadores argumentativos, estrutura e características do gênero <i>Artigo de Opinião</i>, além de levar para a sala de aula textos que são do mesmo gênero para que os alunos – em grupos – possam observar a organização dos argumentos e a estrutura.</p> <p>Em seguida, cada grupo vai dividir os textos produzidos para cada discente. Assim, corrigir entre os envolvidos o que não está de acordo com o gênero <i>Artigo de Opinião</i>.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Utilizar os operadores argumentativos para produzir o gênero <i>Artigo de Opinião</i>;</li> <li>• Avaliar as produções textuais dos colegas de sala de aula, conforme as orientações do gênero.</li> </ul>	4 oficinas
<b>M3</b>	<p>Neste módulo, cada aluno vai fazer as correções de seus textos, após as sugestões dos colegas, e entregar ao professor da disciplina para que este possa avaliar e observar se teve alguma orientação acerca do gênero que não foi seguida.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Corrigir as produções textuais dos Artigos de Opiniões, conforme as orientações dos demais colegas de sala de aula e do professor da disciplina de língua materna.</li> </ul>	3 oficinas
<b>PF</b>	<p>Nesta etapa final, cada estudante vai reformular o seu <i>Artigo de Opinião</i>, conforme as orientações estabelecidas desde o início da sequência didática sobre o “uso do celular na sala de aula”, para que as produções textuais possam ser expostas em vários espaços da escola e, assim, todos tenham acesso às produções escritas dos alunos.</p> <p>E, por último, toda a escola será convidada para assistir ao debate da turma, que deverá estar estruturado, conforme todas as orientações do gênero textual.</p> <p>Os dois grandes grupos se apresentarão no pátio ou no auditório da escola, argumentando contra e a favor do “Uso de celular em sala de aula”.</p> <p>Depois dessa apresentação do Debate, serão feitas pequenas entrevistas com alguns discentes da plateia para discorrerem sobre as opiniões defendidas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produzir e expor a versão final do <i>Artigo de Opinião</i>;</li> <li>• Debater sobre o tema “Uso de celular em sala de aula”.</li> </ul>	4 oficinas

Fonte: Elaborado pelas autoras da Pesquisa, 2023.

A partir de uma sequência didática, ao se trabalhar gêneros textuais orais e escritos, o professor de Português insere em sua prática docente um ensino de língua materna dialógico, interativo e dinâmico, tendo em vista que a língua se manifesta dessa forma em seus diversos usos (BAKHTIN, 2003).

Destaca-se, ainda, que fazer aplicar sequências didáticas no ensino requer do professor conhecimento profundo dos





conteúdos. Por se tratar de uma sequência de atividades distintas, porém, com objetivos em comum, o docente deve realizar essa sequência organizadamente e conectadas umas às outras (APARÍCIO; ANDRADE, 2016). No caso acima, da sequência proposta neste artigo, o domínio prévio deve ser em relação à tipologia textual dos gêneros, bem como suas características e estruturas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se propôs apresentar uma proposta de sequência didática, na qual a prática docente possa conduzir o ensino das propriedades textuais, articulando os gêneros orais e escritos. Assim, para que o objetivo desta proposta fosse alcançado, construiu-se um aporte teórico e bibliográfico que auxiliou demonstrar a importância do estudo do texto para a produção textual oral e escrita dos alunos. Além disso, apontou-se que o texto estudado em sala de aula deve contemplar a diversidade de gêneros e de modalidades. Dessa forma, sugeriu-se o *Debate* (gênero oral) e o *Artigo de Opinião* (gênero escrito).

A sugestão das autoras deste artigo foi uma sequência didática com os gêneros *Debate* e *Artigo de Opinião* para aprofundar e produzir textos orais e escritos em sala de aula. Enfatiza-se que o professor é responsável por levar a concepção de texto sociointeracional e cognitiva para dentro da sala de aula e, assim, conscientizar o discente de que o que se estuda na escola não está distante das vivências enunciativas cotidianas de cada sujeito.

Esta proposta de sequência didática soma-se a outras que buscam contribuir com o ensino do texto e com o texto, porém deixa em aberto lacunas a serem respondidas sobre o ensino dos gêneros textuais argumentativos ou até explorar outras possibilidades de sequências didáticas.

Sugere-se, ainda, que o ensino de Língua Portuguesa seja desenvolvido em todos os níveis, especialmente na educação básica (Ensino Fundamental e Médio), promovendo a diversidade dos gêneros textuais, conforme indica Bronckart (2003, p.103)

“a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização e de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”. Ao estimular essa apropriação dos gêneros, o professor estará contribuindo para o domínio de textos orais e escritos do aluno em qualquer situação de sua vida.



O docente pode estimular este contato por meio de projetos de ensino ou de extensões, fortalecidos pela prática de sequências didáticas. Assim, sempre demonstrando que toda e qualquer atividade tem fim pedagógico para a aprendizagem deste aluno e, ao mesmo tempo, para sua interação na sociedade. O discente também precisa enxergar essa finalidade social de estudo da língua e reconhecer que a escola não está distante de seu cotidiano.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. **Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

APARICIO, A. S. M., ANDRADE, M. F. R. de. A avaliação no processo de construção de sequências didáticas para o ensino da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental: a formação do professor em foco. In: SILVA, S. R. da, FILHO, S. C.A. **Sobre avaliação e ensino de línguas: (re)discutindo conceitos e (re)elaborando ações**. Campinas: Pontes, 2016.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão; rev. trad. Marina Appenzeller. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



BAKHTIN, M; VOLOCHÍNOV, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência e da linguagem. 14. Ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.

BEZERRA, A. M. Ensino de Língua Portuguesa e contextos teóricos-metodológicos. In.: DIONÍSIO, A.; MACHADO, a. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucena, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRÄKLING, K. L. Trabalhando com artigo de opinião: re-visitando o eu no exercício da (re)significação da palavra do outro. In: ROJO, Roxane (Org.). **A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCN**. São Paulo: EDUC; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. Trad. Anna Maria Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003.

217

CAVALCANTE, M.C.B.; MELO, C.T.V. de. Gêneros orais na escola. In: SANTOS, C.F.; MENDONÇA, M.; CAVALCANTE, M.C.B. (orgs). **Diversidade textual**: os gêneros na sala de aula. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

CITELLI, A. O. **Linguagem e persuasão**. 11ª Ed. São Paulo: Ática, 1997.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. (2004). Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; HALLER, S. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2011.

FÁVERO, L.L.; KOCK, I.V. **Linguística Textual**: Introdução. São Paulo: Cortez. 1983.

GARCIA, O. M. Argumentação. In: **Comunicação em prosa moderna**. 18ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 2000.



GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula: leitura e produção**. Cascavel: Assoeste, 1984.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KOCH, I. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Argumentação e linguagem**. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. **A inter-ação pela linguagem**. 11º ed. São Paulo: Contexto, 2018.

\_\_\_\_\_. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. Contexto, São Paulo, 2017.

*KOCH, I. V.; CUNHA LIMA, M. L. Do Cognitivismo ao Sóciocognitivismo. In: Anna Christina Bentes; Fernanda Mussalin. (Org.). **Introdução a Linguística – Fundamentos Epistemológicos**. Vol 3.1 ed. São Paulo, 2004.*

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.; MACHADO, a. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucena, 2010.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: abordagem de Bakthin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; ROTH, D. M. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.



SANTOS, A. R. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2002.

TRAVAGLIA, L. C. A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. **ALFA**, vol. 51 n° 1: 39-79. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1426> e [http://www.ileel2.ufu.br/travaglia/artigos/artigo\\_a\\_caracterizacao\\_de\\_categorias\\_de\\_texto.pdf](http://www.ileel2.ufu.br/travaglia/artigos/artigo_a_caracterizacao_de_categorias_de_texto.pdf). Acesso em: 25 de maio de 2023.

\_\_\_\_\_. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 1a. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

WACHOWICZ, T. C. Análise linguística nos gêneros textuais. Curitiba: Ibpex, 2010.

Recebido em 31 de julho de 2023.

Aprovado em 08 de março de 2024.